

Práticas alimentares parentais: a percepção de crianças acerca das estratégias educativas utilizadas no condicionamento do comportamento alimentar

Parental feeding practices: the children's perception about the educational strategies used to condition eating behavior

Prácticas alimentares parentales: la percepción de niños acerca de las estrategias educativas utilizadas en el condicionamiento del comportamiento alimentar

*Nádia Prazeres Pinheiro-Carozzo**
*Jena Hanay Araújo de Oliveira***

Resumo

As práticas alimentares parentais são comportamentos ou estratégias utilizadas pelos pais para extinguir comportamentos alimentares inadequados e incentivar a ocorrência de comportamentos alimentares adequados em seus filhos. Este estudo teve como objetivo avaliar a percepção das crianças acerca das práticas alimentares utilizadas pelos seus pais, quais sejam: controle da alimentação feito pela criança, uso de comida para o controle das emoções, incentivo ao equilíbrio e variedade alimentícia, ambiente com presença de alimentos saudáveis, alimento como recompensa, envolvimento, modelo, monitoramento, pressão para comer, restrição alimentar por saúde, restrição alimentar para controle do peso e ensino sobre nutrição. Cento e quatorze crianças responderam o Questionário de Verificação das Práticas Alimentares

* Psicóloga. Mestra em Psicologia da Saúde. Professora Assistente no Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: nadia.pinheiro@ufma.br

** Psicóloga. Doutora em Psicologia como Ciência e Profissão. Professora Adjunto no Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: jenahanay@gmail.com

(QVPA) – *Versão Filhos*. Os resultados indicam que os pais usam um rol de práticas adequadas como envolvimento, ensino sobre nutrição, incentivo ao equilíbrio e variedade, modelo e monitoramento, ao mesmo tempo em que utilizam práticas inadequadas, tais como alimentos como recompensa e para controle das emoções. Ademais, os pais utilizam práticas semelhantes na educação alimentar do filho indicando acordo e homogeneidade no condicionamento desse comportamento.

Palavras-chave: comportamento alimentar; práticas educativas alimentares; infância.

Abstract

Parental feeding practices are behaviors or strategies used by parents to eliminate inappropriate eating behaviors and encourage the occurrence of appropriate eating behaviors in their children. This study aimed to evaluate the perception of children about food practices used by their parents: child control, emotion regulation, encouragement of balance and variety, environment, food as reward, involvement, modeling, monitoring, pressure to eat, restriction for health, restriction for weight control and teaching about nutrition. One hundred and fourteen children answered to the Comprehensive Feeding Practices Questionnaire (CFPA) – Child Version. The results indicate that parents use a list of appropriate practices such as involvement, teaching about nutrition, encourage balance and variety, modeling and monitoring, while using inappropriate practices, such as food as reward and emotion regulation. In addition, parents use similar practices in children's feeding education indicating agreement and uniformity in conditioning this behavior.

Keywords: feeding behavior; comprehensive feeding practices; childhood.

Resumen

Las practicas alimentares parentales son comportamientos o estrategias utilizadas por los padres para extinguir comportamientos alimentares inadecuados en sus hijos. Este estudio tuvo como objetivo evaluar la percepción de los niños acerca de las practicas alimentares utilizadas por sus padres, pudiendo ser: el control de la alimentación hecho por el niño, uso de comida para el control de las emociones, incentivo al equilibrio y variedad alimenticia, ambiente con presencia de alimentos saludables, alimento como recompensa, participación, modelo, seguimiento, presión para comer, restricción alimentar por salud, restricción alimentar para controlar el peso y aprendizaje sobre nutrición. Ciento y catorce niños respondieron el cuestionario de Verificación de las Practicas Alimentares (CVPA)- versión hijos. Los resultados indican que los padres usan un rol de prácticas adecuadas como forma de participación, así como enseñan sobre nutrición, incentivan el equilibrio y variedad, modelo y seguimiento, al mismo tiempo em que utilizan practicas inadecuadas, tales

como alimentos como recompensa y para controlar las emociones. Además, los padres utilizan practicas semejantes en la educación alimentar del hijo indicando acuerdo y homogeneidad en el condicionamiento de ese comportamiento.

Palabras clave: *Comportamiento alimentar; prácticas educativas alimentares; infancia.*

As relações familiares são, em parte, responsáveis por garantir o desenvolvimento de repertórios comportamentais socialmente adequados da criança. Skinner (2000, p. 438) afirma que a dinâmica familiar é a agência desenvolvedora da criança: “a família funciona como uma agência educacional ao ensinar a criança a andar, a falar, a comer de uma dada maneira, a se vestir e assim por diante”. A família cumpre seu papel educador através da utilização de práticas educativas parentais.

As práticas educativas parentais são comportamentos ou estratégias usadas pelos pais para extinguir comportamentos inadequados e incentivar a ocorrência de comportamentos adequados em seus filhos (Alvarenga, 2001; Alvarenga, Piccinini, Frizzo, Lopes, & Tudge, 2009; Gomide, 2001, 2006; Salvador & Weber, 2005). Isto é, são estratégias que visam orientar, educar, instruir e controlar o comportamento do filho.

As pesquisas que investigam as práticas educativas parentais apontam que elas estão relacionadas a diversos comportamentos, tais como: comportamentos antissociais dos filhos (Salvador & Weber, 2005); habilidades sociais dos filhos (Löhr, 2003; Weber, Flor, Viezzer, & Gusso, 2004); com maior facilidade do filho em enfrentar situações estressoras (Clark, Novak, & Dupree, 2002; Meesters & Murriss, 2004; Wolfradt, Hempel, & Miles, 2003); sintomas depressivos nos filhos (Darling, 1999; Menegatti, 2002; Sander & McCarty, 2005); sintomas ansiosos (Hudson & Rapee, 2001; Weber, Biscaia, Pavei, & Brandenburg, 2003; Wolfradt, Hempel & Miles, 2003); comportamento agressivo (Alvarenga & Piccini, 2001; Ferreira & Marturano, 2002; Oliveira, Marin, Pires, Frizzo, Ravanello, & Rossato, 2002; Salvo, Silvares, & Toni, 2005); e com o uso de drogas e substâncias ilícitas (Cottrell, LI, Harris, D’alessandri, Atkins, Richardson, & Stanton, 2003; Sale, Sambrano, Springer, Peña, Pan, & Kasim, 2005).

Uma vez que as práticas educativas parentais permitem instalar comportamentos adequados e extinguir comportamentos inadequados (Alvarenga, 2001; Alvarenga et al., 2009; Salvador & Weber, 2005), pode-se inferir que elas participem também da instalação e manutenção do comportamento alimentar.

Assim, dentro do leque conceitual de práticas educativas parentais, encontram-se as práticas alimentares parentais, que por sua vez são práticas alimentares utilizadas pelos pais que condicionam o comportamento alimentar dos filhos. Tais práticas estão presentes na instalação e manutenção do repertório comportamental alimentar de crianças, tais como as estratégias para controle do que e quanto os filhos comem, para orientar quanto à alimentação, assim como podem ser utilizadas estratégias que desencadeiam comportamento alimentar inadequado, tais como o uso de comida como recompensa e como regulador emocional (Musher-Einzenman & Holub, 2007).

Musher-Einzenman e Holub (2007) identificam as práticas alimentares parentais, que por sua vez, são consideradas positivas/adequadas ou negativas/inadequadas e, algumas, dependendo do contexto, ora podem se apresentar de forma positiva e ora negativa. As doze práticas alimentares parentais propostas por eles serão explicadas associando-as às práticas educativas parentais:

- 1) O *controle da alimentação feito pela criança* pode ser entendido no contexto da autonomia do filho. Por um lado pode ser uma prática educativa parental positiva, ao incentivar a independência e segurança do filho, mas por outra pode ser uma prática educativa parental negativa ao indicar ausência de atenção, monitoramento negativo, negligência ou disciplina parental relaxada, práticas explicitadas por Gomide (2001, 2006).
- 2) *Usar o alimento como controle das emoções*, isto é, como um regulador emocional, é considerada uma prática educativa negativa, pois fará com que a criança associe, via condicionamento clássico, a comida com o alívio de emoções. Instalando assim, um comportamento não saudável, uma vez que a comida deve estar associada à sensação de fome ou saciação.

- 3) O *incentivo ao equilíbrio e a variedade*, pode ser visto como prática parental positiva, pois se refere à comunicação positiva entre pais e filhos em termos de troca de informação e orientações, como conceituado por Alvarenga (2001) ou como o diálogo entre pai-filho indicado por Silva (2000).
- 4) Dispor de um *ambiente com presença de alimentos saudáveis* é uma prática educativa parental positiva, pois tais alimentos servem de estímulos discriminativos para a resposta de comer saudável. Indica envolvimento dos pais na alimentação saudável dos filhos, prática educativa trabalhada por Alvarenga (2001).
- 5) A *utilização de alimentos como recompensa*, ou como reforçadores, pode gerar a associação de que a comida é um prêmio, e, por conseguinte, algo valioso e objeto de desejo, culminando em ingestão alimentar constante, sendo assim, uma prática educativa negativa. Por outro lado, pode ser positiva se o reforçamento for contingente a um comportamento adequado, por exemplo, contingente à alimentação saudável, a práticas de exercícios físicos etc. Esta prática alimentar parental pode ser associada com a prática educativa denominada uso de consequências positivas, citado por Alvarenga (2001) e com o monitoramento positivo de Gomide (2001, 2006).
- 6) O *envolvimento* coincide com uma prática educativa parental positiva, proposta por Alvarenga (2001). Com a ressalva de que se trata especificamente de envolver a criança com as compras de supermercado, com o cardápio, com as saídas para comer etc.
- 7) Outra prática educativa parental que coincide com a nomenclatura da prática alimentar é o *modelo*, que no caso de Alvarenga (2001) foi denominado modelo positivo. Comportar-se de modo a ser modelo alimentar saudável a ser seguido pelo filho.
- 8) O *monitoramento e as restrições* fazem referência às práticas educativas parentais positivas de estabelecimento e monitoramento de regras, operacionalizadas por Alvarenga (2001) e Silva (2000).
- 9) A *pressão para comer* é uma prática educativa parental negativa, pois a criança fica sob controle da ordem do pai ou da mãe, ou ainda sob

controle do “prato vazio” e não sob controle de sua própria fome ou saciedade, tal como ocorre com o uso do alimento como controle das emoções.

- 10) *Restrição por saúde*: pais controlam o consumo de comida dos seus filhos com o propósito de limitar comidas menos saudáveis e doces para manter seus filhos mais saudáveis.
- 11) *Restrição para controle do peso*: pais controlam o consumo de comida dos seus filhos com o objetivo de diminuir ou manter o peso deles.
- 12) *Ensino sobre nutrição*: pais ensinam o valor nutricional dos alimentos aos seus filhos para incentivar o consumo de alimentos saudáveis. Pode ser entendida nos mesmos moldes do *incentivo ao equilíbrio e à variedade*.

Essas práticas alimentares parentais têm sido objeto de investigação nos últimos anos. Em estudo transcultural realizado na França e Estados Unidos, destacou-se que os pais estadunidenses apresentam maior frequência no uso de práticas alimentares não nutritivas e no controle da alimentação da criança, enquanto os pais franceses apresentaram maior nível de monitoramento e restrição alimentar por peso. Além disso, as práticas se relacionaram com o Índice de Massa Corporal - IMC em ambas as realidades socioculturais (Musher-Eizenman, Lauzon-Guillain, Holub, Leporc, & Charles, 2009).

Em 2010, foi constatado que as crianças cujas mães oferecem, com frequência, a comida para controle emocional, consomem mais biscoitos mesmo na ausência de fome, quando comparados àqueles filhos de mães que não utilizam essa prática alimentar (Blissett & Haycraft, 2008).

Mais evidências foram sinalizadas por Powell, Farrow e Meyer (2011): comportamentos maternos de evitação alimentar relacionaram-se com: o temperamento emocional da criança, altos níveis de controle materno, uso de comida para controle emocional e baixo incentivo à uma alimentação equilibrada e variada. Ademais, a pressão para comer praticada pela mãe predispsse a evitação alimentar da criança após a comida ser utilizada como controlador emocional.

Também em 2011, no Brasil, uma pesquisa apontou diferenças significativas em práticas alimentares parentais segundo o sexo da criança, indicando que a percepção das práticas alimentares maternas pelas filhas parece mais favorável que a percepção pelos filhos. Foi encontrada diferença significativa na prática de restrição para controle de peso segundo o IMC da criança, sendo que as crianças com peso normal relataram menos práticas restritivas que as crianças obesas (Mayer, 2011).

Em 2013, Rodgers et al., divulgaram os resultados de sua pesquisa longitudinal: práticas restritivas, uso de comida para controle das emoções e restrição alimentar por peso associaram-se, de maneira prospectiva com o desenvolvimento de comportamentos alimentares desadaptados, tais como o comer emocional e comer em demasia.

Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo avaliar a percepção das crianças acerca das práticas alimentares utilizadas pelos seus pais. A relevância deste estudo reside em identificar as práticas alimentares parentais, tais como educação nutricional, oferta e disponibilidade de alimentos, quantidade de refeições, qualidade dos alimentos, que são utilizadas no ensino alimentar. Compreender melhor o papel desempenhado pela família na construção do repertório alimentar infantil é imprescindível para que seja possível propor estratégias, do ponto de vista psicológico, de prevenção, avaliação e tratamento da obesidade infantil, desnutrição infantil e transtornos alimentares; envolvendo não somente as crianças com dificuldade alimentar, como também os pais, irmãos e todos aqueles que direta ou indiretamente participam desse contexto infantil.

MÉTODO

Aspectos Éticos

Esta pesquisa seguiu os preceitos éticos estabelecidos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Participantes

Os participantes da pesquisa foram incluídos via amostragem não-probabilística, cuja participação foi voluntária e anônima mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos pais ou responsáveis e o Termo de Assentimento (TA) pela criança. Participaram do estudo 114 crianças, de escolas pública e privada de São Luis (MA), com idades entre oito e 11 anos ($M = 9,8$ anos; $DP = 1$), sendo 63 do sexo feminino.

Instrumento

Questionário de Verificação das Práticas Alimentares (QVPA) – Versão Filhos (Mayer, 2011). Este instrumento é uma tradução adaptada do questionário intitulado *Comprehensive Feeding Practice Questionnaire* (Musher-Eizenman & Holub, 2007) para avaliar as práticas alimentares parentais na percepção dos filhos. É composto por 49 itens com três opções de resposta: *nunca*, *às vezes* e *sempre*. Cada questão versa sobre a mãe e, em seguida, sobre o pai. Neste estudo, o instrumento apresentou $\alpha = 0,839$ para o questionário completo, $\alpha = 0,725$ para os itens maternos e $\alpha = 0,754$ para os itens paternos.

Procedimento de coleta de dados

Em dia e horário combinados com coordenação e corpo docente, a pesquisadora compareceu à escola para a aplicação do questionário. Contingências inerentes à escola pública e à escola privada fizeram com que a coleta de dados ocorresse de maneira distinta, conforme especificado abaixo.

Escola Privada. Todos os alunos que trouxeram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado foram encaminhados, em grupos de 10 a 15, para uma sala destinada à coleta de dados. Logo que acomodados, lhes foi lido o Termo de Assentimento (TA), indicando-lhes onde deveriam assinar caso aceitassem participar da pesquisa e lhes foram dadas instruções de como responder os instrumentos, frisando que não era

permitida a comunicação entre os alunos. Nenhuma criança manifestou interesse em desistir do estudo. Diante do assentimento, foram entregues o TA e o QVPA. Os alunos levaram entre 20 e 30 minutos para responder.

Escola Pública. A escola solicitou que todos os alunos respondessem os questionários, mesmo aqueles que não houvessem apresentado o TCLE assinado, com intuito de minimizar possíveis sentimentos de exclusão por parte dos não-participantes do estudo. Com isso, após a aplicação, foram excluídos da pesquisa os questionários cujos TCLE não foram assinados. Diante da dificuldade de leitura dos alunos, optou-se por aplicar os questionários em grupos, lendo item por item junto com os alunos. Assim, a pesquisadora entrou em sala de aula para a aplicação dos instrumentos, explicou-lhes o objetivo e a importância da pesquisa, bem como lhes foi lido o TA, indicando-lhes onde deveriam assinar caso aceitassem participar da pesquisa, frisando que não era permitida a comunicação entre os alunos. Nenhuma criança manifestou interesse em desistir do estudo. Um modelo de questão foi escrito no quadro, sinalizando como deveria ser feita a marcação: obedecendo linhas e colunas. Em seguida, foram distribuídos o TA e o QVPA. A pesquisadora lia o item e esperava que os alunos respondessem. Este procedimento foi utilizado para completar todo o questionário. Cada turma levou, em média, quatro horas para responder.

Procedimento de análise dos dados

Após a coleta, procedeu-se à inserção de dados no programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 21.0.

Foram realizadas análises descritivas das variáveis idade e gênero do participante, que serviram para a caracterização da amostra. Em seguida, considerou-se o questionário em duas partes: uma parte composta pelas questões cujo conteúdo versa sobre a mãe e a outra parte as questões que versam sobre o pai. Assim, para analisar cada prática, somaram-se os itens que a compõe, extraiu-se a média e a analisou-se comparando-a com a sua mediana, uma vez que cada prática alimentar apresenta uma pontuação mínima e máxima possível e que não há ponto de corte estipulado. Ademais, foram realizadas análises de correlação entre as práticas alimentares,

considerando-se o coeficiente de correlação de Pearson (r), ao nível de significância de 5%. A correlação foi considerada forte quando apresentava valores entre 0,71 a 1; uma correlação moderada, aquela cujo r varia entre 0,31 a 0,7; uma correlação fraca, cujos valores absolutos são de 0 a 0,3. As Correlações foram consideradas significativas quando $p < 0,05$ e altamente significativas quando $p < 0,01$.

RESULTADOS

No que se refere a cada prática alimentar utilizada, obteve-se o que está descrito na Tabela 1.

Tabela 1 – Descrição das práticas alimentares utilizadas pelos pais.

Práticas alimentares	Pai				Mãe			
	Mínimo	Máximo	M	DP	Mínimo	Máximo	M	DP
1	5	14	9,55	2,21	5	14	9,38	2,12
2	3	9	5,29	1,52	3	9	5,38	1,67
3	4	12	9,37	1,8	4	12	9,61	1,77
4	4	12	8,33	1,28	6	12	8,46	1,37
5	3	9	5,27	1,65	3	9	5,28	1,57
6	3	9	6,55	1,48	3	9	6,65	1,3
7	4	12	9,39	1,89	4	12	9,45	1,8
8	4	12	9,25	2,26	4	12	9,87	2,09
9	4	12	7,66	1,96	4	12	7,67	2,01
10	4	12	7,73	1,83	4	12	7,85	1,65
11	8	22	14,68	3,06	8	22	15,39	3,16
12	3	9	6,54	1,47	3	9	6,72	1,35

Notas: Práticas: 1) controle da alimentação feito pela criança; 2) uso de comida para o controle das emoções; 3) incentivo ao equilíbrio e variedade alimentícia; 4) ambiente com presença de alimentos saudáveis; 5) alimento como recompensa; 6) envolvimento; 7) modelo; 8) monitoramento; 9) pressão para comer; 10) restrição alimentar por saúde; 11) restrição alimentar para controle do peso; e 12) ensino sobre nutrição (Musher-Eizenman & Holub, 2007).

Ao calcular-se o somatório total do questionário, obteve-se que a média das práticas alimentares maternas foi $M = 9,23$ ($DP = 7,26$), tendo ocorrido como pontuação mínima -9 e pontuação máxima 26. Já as práticas alimentares paternas apresentou $M = 8,84$ ($DP = 7,68$), pontuação mínima = -11 e pontuação máxima = 28.

No que se refere às correlações, os resultados apresentados foram aqueles significativos para mãe e pai (entre parênteses, os dados numéricos nessa ordem).

Tabela 2 – Correlação entre práticas alimentares maternas.

Práticas Alimentares	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1	1	-,033	-,096	,178	,046	-,081	-,115	-,097	,031	-,056	-,216*	-,263*
2		1	,025	,183	,206*	,151	-,140	-,050	,090	,145	,108	,168
3			1	,175	-,014	,252**	,501**	,477**	,292**	,119	,086	,423**
4				1	,067	,154	,124	,196*	,232*	,045	,083	,049
5					1	,266**	,121	,011	,107	,256**	,211*	-,066
6						1	,242**	,223*	-,122	,077	,175	,209*
7							1	,355**	,174	,178	,173	,268**
8								1	-,079	,046	,133	,333*
9									1	,082	-,063	-,017
10										1	,412**	,221*
11											1	,429**
12												1

Notas: Práticas alimentares: 1) controle da alimentação feito pela criança; 2) uso de comida para o controle das emoções; 3) incentivo ao equilíbrio e variedade alimentícia; 4) ambiente com presença de alimentos saudáveis; 5) alimento como recompensa; 6) envolvimento; 7) modelo; 8) monitoramento; 9) pressão para comer; 10) restrição alimentar por saúde; 11) restrição alimentar para controle do peso; e 12) ensino sobre nutrição (Musher-Eizenman & Holub, 2007).

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

Há correlações negativas e significativas entre as práticas *controle da alimentação feito pela criança* e *restrição alimentar para controle de peso* ($r = -0,216$; $p < 0,05$ e $r = -0,258$; $p < 0,05$), bem como *controle de alimentação feito pela criança* e *ensino sobre nutrição* ($r = -0,263$, $p < 0,05$ e $r = -0,284$, $p < 0,01$). Esse dado indica que há uma correlação inversa, embora fraca, entre tais variáveis, indicando que quanto maior o controle que a própria criança exerce sobre sua alimentação, menor a restrição alimentar para controle de peso, bem como é menor a atuação da mãe no ensino sobre nutrição. Ademais, *restrição alimentar para controle de peso* correlacionou-se de maneira moderada e altamente significativa com *ensino sobre nutrição* ($r = 0,429$; $p < 0,01$ e $r = 0,400$; $p < 0,01$). Este resultado

indica que quanto maior o controle que a própria criança exerce sobre sua alimentação, menor a restrição alimentar para controle de peso, bem como uma menor atuação dos pais no ensino sobre nutrição.

O uso de comida para controle das emoções correlacionou-se com uso de alimentos como recompensa ($r = 0,206$; $p < 0,05$ e $r = 0,201$; $p < 0,05$). Dado que reflete o uso do alimento como estímulo reforçador, seja negativo para alívio das emoções negativas, seja para reforço das emoções positivas, como alegria.

A prática de incentivo ao equilíbrio e variedade alimentícia correlacionou-se de maneira altamente significativa com envolvimento ($r = 0,252$; $p < 0,01$ e $r = 0,288$; $p < 0,005$), pressão para comer ($r = 0,292$; $p < 0,01$ e $r = 0,307$; $p < 0,01$), modelo ($r = 0,504$; $p < 0,01$ e $r = 0,564$; $p < 0,01$), monitoramento ($r = 0,477$; $p < 0,01$ e $r = 0,451$; $p < 0,01$) e ensino sobre nutrição ($r = 0,423$; $p < 0,01$ e $r = 0,418$; $p < 0,01$). Todas as correlações positivas indicam que quando mais os pais incentivam a ingestão de alimentos variados e em equilíbrio, mais eles ensinam, servem de modelo, pressionam para comer e monitoram tal comportamento.

Ambiente com presença de alimentos saudáveis correlacionou-se com monitoramento ($r = 0,196$; $p < 0,05$ e $r = 0,258$; $p < 0,05$). Essa relação sugere que ao oferecer ambiente com alimentos saudáveis, os pais monitoram para assegurar-se que as crianças consumiram.

O uso de alimento como recompensa correlacionou-se de maneira moderada, mas altamente significativa com restrição alimentar para controle de peso ($r = 0,211$; $p < 0,05$ e $r = 0,369$; $p < 0,01$) e restrição alimentar por saúde ($r = 0,256$; $p < 0,01$ e $r = 0,361$; $p < 0,01$). Ao mesmo tempo em que restrição alimentar por saúde correlacionou-se com restrição alimentar para controle de peso ($r = 0,412$; $p < 0,01$ e $r = 0,393$; $p < 0,01$). Indicando que quanto mais a criança é exposta à restrições alimentares, mais os pais utilizam o alimento como reforço. E ao uso de alimento como recompensa correlacionar-se com envolvimento, apesar de maneira fraca, ($r = 0,266$; $p < 0,01$ e $r = 0,219$; $p < 0,05$) indica que utilizar o alimento como reforço é interpretado como envolver-se com a alimentação do filho.

As práticas *envolvimento, modelo, monitoramento* e *ensino sobre nutrição* correlacionaram-se em todos os cruzamentos, reforçando o fato de que práticas adequadas mantêm estreita relação entre si. Dados que podem ser verificados nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 3 – Correlações entre práticas alimentares paternas.

Práticas Alimentares	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1	1	,037	-,174	,123	,113	,058	-,117	-,063	-,045	,021	-,258*	-,284**
2		1	,132	,175	,201*	,288**	-,034	-,022	-,004	,080	,146	,153
3			1	,163	,138	,228*	,564**	,451**	,307**	,043	,171	,418**
4				1	,063	,215*	,088	,258*	,013	-,036	,051	,061
5					1	,219*	,244*	,091	,222*	,361**	,369**	,090
6						1	,229*	,246*	-,080	,110	,246*	,205*
7							1	,497**	,180	,108	,277**	,444*
8								1	-,041	,049	,114	,316**
9									1	,136	,044	-,093
10										1	,393**	,076
11											1	,400**
12												1

Notas: Práticas alimentares: 1) controle da alimentação feito pela criança; 2) uso de comida para o controle das emoções; 3) incentivo ao equilíbrio e variedade alimentícia; 4) ambiente com presença de alimentos saudáveis; 5) alimento como recompensa; 6) envolvimento; 7) modelo; 8) monitoramento; 9) pressão para comer; 10) restrição alimentar por saúde; 11) restrição alimentar para controle do peso; e 12) ensino sobre nutrição (MUSHER-EIZENMAN; HOLUB, 2007).

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

DISCUSSÃO

Sobre o uso de práticas alimentares

Percebeu-se que todas as práticas alimentares foram pontuadas perto da sua mediana. Ainda assim, podem-se destacar as práticas de *incentivo ao equilíbrio e variedade alimentícia, modelo* e *monitoramento*, como práticas que apresentaram pontuação sensivelmente maior que sua mediana, indicando que nessas três práticas, que são adequadas e positivas, os filhos percebem os pais como grandes aliados para o desenvolvimento de comportamento alimentar saudável. Por outro lado, *restrição alimentar*

para controle de peso foi uma prática que apresentou média sensivelmente abaixo de sua mediana, indicando que os pais se empenham menos nesse tipo de prática, que por sua vez é considerada inadequada.

Sobre as correlações negativas.

Comum a ambos os progenitores, tem-se correlações negativas e significativas entre as práticas *controle da alimentação feito pela criança* com *restrição alimentar para controle de peso* e com *ensino sobre nutrição*. Por serem negativas indicam que quanto mais a criança tem autonomia e independência para alimentar-se, em aspectos como eleição de comidas, horários de comer, quantidade a ser ingerida, menos o pais exercem um controle da alimentação em virtude de seu peso ou ensinam os filhos acerca de aspectos nutricionais do alimento. Analisando somente a díade *controle da alimentação feito pela criança x restrição alimentar para controle de peso*, pode ser vista como uma prática inadequada uma vez que pode ser interpretada como negligência ou disciplina relaxada por parte dos pais (Gomide, 2001, 2006) ao indicar que a criança tem autonomia e não tem controle parental; ou pode ser uma prática adequada, com os pais tentando condicionar a autonomia da criança no que se refere à sua prática alimentar, fazendo com que seu comportamento alimentar seja condicionado não por regras estabelecidas pelos pais, mas sim pelo contato com as próprias contingências.

Para Skinner (2002), o sujeito valoriza mais seu comportamento quando ele foi condicionado pelas suas próprias experiências, ou seja, pelo contato com as contingências. Weber (2009) está de acordo com tal afirmação quando aponta que educar para a autonomia compreende estar envolvido com o filho, mas deixá-lo encontrar seu próprio caminho; ensinando autocontrole e direcionamento próprio.

Analisando a díade seguinte: *controle da alimentação feito pela criança* que se correlacionou de maneira negativa com *ensino sobre nutrição*, percebe-se que no caso dos participantes deste estudo, quanto mais a criança controla sua alimentação menos os pais ensinam sobre

nutrição, dando instruções sobre alimentos calóricos, saudáveis, quantidade a ser ingerida, evidenciando, portanto, que os pais estão por vezes ausentes, não podem ou não tem disponibilidade para o ensino.

Assim, tomando-se as duas díades em conjunto, pode-se inferir que quanto mais a criança controla sua alimentação, menos os pais ensinam sobre nutrição. Por sua vez, se eles não ensinam sobre nutrição, supõe-se que não estão presentes e sensíveis a este aspecto, e por conseguinte, a criança não tem esclarecimentos sobre esse tema. Ao mesmo tempo em que, por estarem ausentes, não controlam a alimentação dos filhos, podendo ser um reflexo da negligência ou falta de disciplina dos pais.

No estudo de Eizenman e Holub (2007) a prática de deixar a criança controlar sua própria alimentação correlacionou-se negativamente com *monitoramento*, *envolvimento* e *pressão para comer*, indicando que quando uma criança controla sua alimentação, ela não é monitorada e tampouco pressionada por nenhum dos pais. Corroborando a conclusão a qual se chegou no presente estudo.

Sobre as práticas adequadas

Um dado que merece destaque é a correlação positiva e altamente significativa sobre as práticas de *ensino sobre nutrição* e *restrição alimentar para controle de peso*, que parecem indicar em práticas alimentares adequadas: há a uma preocupação dos pais sobre a necessidade de uma orientação sobre nutrição e ao mesmo tempo há a restrição para controle de peso dos filhos.

Esse dado vai ao encontro de práticas educativas adequadas como *comunicação positiva* entre pais e filhos (Alvarenga, 2001) e o *diálogo* (Silva, 2000). Uma vantagem dessa comunicação e diálogo com os filhos é que quando a criança se sente apoiada e amada pelos pais, aceita melhor as regras e orientações impostas e o modelo oferecido (Severe, 2000): se lhe forem esclarecidas as condições da restrição, talvez a criança aceite melhor a imposição da regra.

Os pais quando utilizam a prática *ensino sobre nutrição*, segundo aponta a análise de correlação, também utilizam as práticas *envolvimento*,

modelo, monitoramento e incentivo ao equilíbrio e à variedade, uma vez que tais práticas se correlacionaram de maneira significativa e positiva umas com as outras, indicando que ocorrem de maneira concomitante. Com isso, pressupõe-se que o pai e a mãe que ensinam sobre como se alimentar, que alimentos escolher, horários de alimentação, quantidade e qualidade da comida ingerida; não apenas ensinam, como também oferecem e consomem novos alimentos, diversificando o que é oferecido ao filho, servindo de modelo e monitorando. Desse modo, se envolvem na vida do filho, se engajam com eles em uma mesma atividade, participam da vida deles. Repertório altamente adequado em contexto familiar incluindo-se práticas educativas adequadas de monitoria positiva e comportamento moral (Gomide, 2006): ser um *modelo* implica que “os pais devem se comportar como gostariam que os filhos se comportassem” (Weber, 2009, p. 124).

Retomando o raciocínio anterior, a prática parental *modelo* correlacionou-se com *envolvimento*, indicando que se comportar como quer que o filho se comporte é envolver-se com sua vida e suas necessidades. Ser *modelo* parental, não é apenas se comportar como deseja que o filho o faça, mas também dar-lhe explicações de porque se comportar de tal maneira (Weber, 2009). Com isso, se explica a correlação de *modelo* com *ensino sobre nutrição*. O pai/mãe, que é considerado *modelo*, ensina e se comporta de maneira similar àquela que espera que o filho faça. Além do que, monitora para ver se o filho está cumprindo o que lhe foi ensinado. A correlação *modelo* e *monitoramento* indica que os pais servem de modelos para o desenvolvimento de diversos comportamentos no filho.

Nota-se que as práticas *incentivo ao equilíbrio e a variedade, envolvimento, ensino sobre nutrição, modelo e monitoramento* já haviam sido correlacionadas positivamente entre si, em estudo anterior (Musher-Eizenman & Holub, 2007). Reforçando ser esta uma relação forte entre as práticas alimentares parentais.

Além dessas relações, outra correlação pode ser destacada: *incentivo ao equilíbrio e a variedade e pressão para comer*. Pode-se entender que os pais diversificam o que oferecem aos filhos, os incentivam a experimentar e a consumir alimentos variados, e ao oferecer tal multiplicidade, os pressionam

para consumir. Originalmente, o questionário trata *pressão para comer* como o comportamento parental de que o filho coma mais e coma tudo o que há no prato. Entretanto, para este estudo, pode-se levantar a hipótese de que a *pressão para comer* se refere ainda à ingestão de variados alimentos, indicando que a pressão que os pais exercem para que o filho consuma frutas, verduras, legumes, carnes, massas entre outros.

Completando a discussão sobre as práticas alimentares adequadas, tem-se o *ambiente com presença de alimentos saudáveis*. Essa prática se correlacionou com *monitoramento*, guardando consonância com o estudo de Eizenman e Holub (2007). Desse modo, se no ambiente na qual a criança permanece há comidas saudáveis, estas funcionam como estímulos discriminativos para que as crianças as consumam. Os pais que querem monitorar a alimentação do filho e querem ter certeza de que o filho está se alimentando bem, mesmo em sua ausência, disponibilizam um ambiente com alimentos saudáveis. Assim, o filho não terá outra opção que consumi-los diante da fome.

Sobre as práticas restritivas

Passando para práticas alimentares parentais de restrição alimentar, o questionário apresenta *restrição alimentar para controle de peso* e *restrição alimentar por saúde*, que se correlacionaram entre si. Esse achado levanta a hipótese de que há a consciência, por parte dos pais, de que o peso inadequado é um problema de saúde em si. Com isso, aqueles pais que apresentam práticas que restringem comportamentos por questão de saúde, o estão fazendo também por conta do controle do peso da criança. O mesmo foi encontrado nos estudos desenvolvidos por Musher-Eizenman e Holub (2007).

Sobre as práticas inadequadas

Chegando às correlações com as práticas inadequadas, tem-se que o *uso de alimentos para controle de emoções* correlacionou-se com *uso de alimentos como recompensa*. Pode-se inferir que a criança percebe que os

pais, diante das emoções da criança, lhes oferece um conforto: o alimento. Nota-se que utilizar alimentos como recompensa ao “bom” comportamento ou como controle de emoções pode estar condicionando o comportamento dos filhos a hábitos alimentares perigosos. Sendo o alimento utilizado como estímulo reforçador, ele passa a adquirir esse *status*. Assim, se pareado a uma emoção aversiva é utilizado o alimento, ensina-se a criança que em presença de emoções desagradáveis, a comida exercerá papel de retirar ou eliminar esse desconforto emocional. Com isso, todas as vezes que o indivíduo estiver vivenciando uma emoção aversiva, ele irá recorrer à comida, haja visto que quando a consequência é reforçadora, a resposta tem uma maior probabilidade de voltar a acontecer (Skinner, 2000). Na vida, há a experiências de emoções agradáveis e desagradáveis e, o ser humano tem que aprender a conviver com elas e não fugir das mesmas através da comida. Ao mesmo tempo, se o alimento for utilizado como consequência a um comportamento adequado (reforçador positivo), a criança, para obter comida, pode emitir outras respostas que não tem relação com o estímulo que a resposta de comer deve ficar sob controle – privação de alimento.

Heller (2004) aponta que nos casos de famílias em que ocorre a superalimentação, a relação com a comida apresenta-se de maneira bastante inadequada: a comida está associada a diferentes situações como: solidão (pais viajam ou saem e, para compensar sua ausência, trazem doces como presentes para a criança), dor (a criança se machuca e ganha água com açúcar e doces para se acalmar e alegrar-se), socialização (é costume receber visitas com comidas e não comer é uma desfeita ao anfitrião, com isso a criança aprende que é falta de educação não comer ou deixar comida no prato, mesmo sem fome). Assim, torna-se claro o porquê do risco de que o alimento tenha uma conotação para outros fins que não o nutricional.

Em estudo realizado Musher-Eizenman e Holub (2007) o uso de comida para controle de emoções correlacionou-se com uso de alimentos como recompensa, tal qual ocorreu nesta investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desse estudo foi verificar as associações existentes entre as práticas alimentares parentais. Para atingir tais objetivos foi utilizada uma amostra de 114 meninos e meninas, entre 8 e 11 anos. A amostra representa 58% de todas as crianças que foram convidadas a participar da pesquisa e que receberam o TCLE para entregar para pais e/ou responsáveis.

A aplicação dos instrumentos se deu de maneira diferente em cada escola, devido a pedido da instituição e ao nível de alfabetização das crianças. Percebe-se que crianças, com a mesma idade, diferenciam-se na habilidade de leitura e interpretação de texto em função da escola a qual frequentam. Enquanto os alunos da escola privada responderam aos questionários em, no máximo, 30 minutos; as crianças da escola pública levaram quatro horas. Este pode ser um fator interveniente da pesquisa, haja vista que pode gerar cansaço e desestímulo nas crianças.

A análise das práticas alimentares parentais indicou várias correlações entre as mesmas. Com destaque para um rol de práticas adequadas que se correlacionaram entre si, em todos os cruzamentos, a saber: *envolvimento, ensino sobre nutrição, incentivo ao equilíbrio e variedade, modelo e monitoramento*. E apreciando as práticas inadequadas, destaque é dado para a correlação entre *uso de alimentos como recompensa* e *uso de alimentos para controle das emoções*, evidenciando que ambas as práticas aparecem, por vezes, juntas em um mesmo contexto familiar. Uma consequência dessa associação é que a comida passa a ser vista como recompensa e que a criança sempre a busca. Ao mesmo tempo, que a utiliza para modular suas emoções. Além disso, os pais utilizam práticas semelhantes na educação alimentar do filho, prática adequada de acordo e homogeneidade da ação com o filho. Para estudos futuros, sugere-se aumentar o tamanho da amostra e utilizar, também, os pais, como respondentes da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. In H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz, (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição* (Vol. 8, pp. 54-60). Santo André, SP: ESETEC.
- Alvarenga, P., & Piccini, C. A. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia Reflexão e Crítica, 14*(3), 449-460.
- Alvarenga, P., Piccinini, C. A., Frizzo, G. B., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2009). Estabilidade e mudanças nas práticas educativas de mães e pais dos 18 para os 24 meses de vida da criança. *Interação, 13*(2), 253-262.
- Blissett, J., & Haycraft, E. (2008). Are parenting style and controlling feeding practices related? *Appetite, 50*(2-3), 477-485.
- Clark, R., Novak, J. D., & Dupree, D. (2002). Relationship of perceived parenting practices to anger regulation and coping strategies in African-American adolescent. *Journal of Adolescence, 25*(4), 373-384.
- Cottrell, L., Li, X., Harris, C., D'alessandri, D., Atkins, M., Richardson, B., & Stanton, B. (2003). Parent and adolescent perceptions of parental monitoring and adolescent risk involvement. *Parenting: Science and Practice, 3*(3), 179-185.
- Darling, N. (1999). Parenting Style and its correlates. *ERICDigest, 5*(4), [s.p.].
- Ferreira, M. C. T., & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia Reflexão e Crítica, 15*(1), 35-44.
- Gomide, P. I. C. (2001). Efeito das práticas educativas no desenvolvimento do comportamento anti-social. In M. L. Marinho, & V. E. Caballo (Orgs.). *Psicologia clínica e da saúde* (pp. 33-39). Londrina: UEL, 2001.
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de Estilos Parentais. Modelo teórico: manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Heller, D. C. L. (2004). Tratamento psicológico da obesidade. In D. C. L. Heller, *Obesidade infantil: manual de prevenção e tratamento* (pp. 31-33). Santo André, SP: ESETec.
- Hudson, J. L., & Rapee, R. M. (2001). Parent-child interactions and anxiety disorders: an observational study. *Behavior Research and Therapy*, 39(12), 1411-1427.
- Löhr, S. S. (2003). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais. In M. Z. da S. Brandão, F. C. de S. Conte, F. S. Brandão, Y. K. Ingberman, C. B. de Moura, V. M. da Silva, & S. M. Oliane (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: A história e os avanços, a seleção por consequências em ação* (Vol. 11, pp. 476-482). Santo André, SP: ESETec.
- Mayer, A. P. F. (2011). *As relações entre família, escola e o desenvolvimento do sobrepeso e obesidade infantil* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.
- Meesters, C., & Murris, P. (2004). Perceived parental rearing behaviors and coping in young adolescents. *Personality and Individual Differences*, 37(3), 513-522.
- Menegatti, C. L. (2002). *Interações pais-filhos e depressão infantil: uma abordagem comportamental* (Dissertação de mestrado), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.
- Musher-Eizenman, D. R., Lauzon-Guillain, B. de, Holub, S. C., Leporc, E., & Charles, M. A. (2009). Child and parent characteristics related to parental feeding practices. A cross-cultural examination in the US and France. *Appetite*, 52(1), 89-95.
- Musher-Eizenman, D. R., & Holub, S. C. (2007). Comprehensive feeding practices questionnaire: validation of a new measure of parental feeding practices. *Journal of Pediatric Psychology*, 32(8), 960-972.
- Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravanello, T., & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15(1), 1-11.

- Powell, F. C., Farrow, C. V., & Meyer, C. (2011). Food avoidance in children: the influence of maternal feeding practices and Behaviours. *Appetite*, 57(3), 683-692.
- Rodgers, R. F., Paxton, S. J., Massey, R., Campbell, K. J., Wertheim, E. H., Skouteris, H., & Gibbons, K. (2013). Maternal feeding practices predict weight gain and obesogenic eating behaviors in young children: a prospective study. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 10(24), 1-10.
- Sale, E., Sambrano, S., Springer, J. S., Peña, C., Pan, W., & Kasim, R. (2005). Family protection and prevention of alcohol use among Hispanic youth at high risk. *American Journal of Community Psychology*, 36(3/4), 195-205.
- Salvador, A. P. V., & Weber, L. N. D. (2005). Práticas Educativas Parentais: um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia*, 9(2), 341-353.
- Salvo, C. G., Silveiras, E. F. M., & Toni, P. M. (2005). Práticas Educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(2), 187-195.
- Sander, J. B., & McCarty, C. A. (2005). Youth depression in the family context: familial risk factors and models of treatment. *Clinical Child and Family Psychological Review*, 8(3), 203-219.
- Severe, S. (2000). *A educação pelo bom exemplo*. Rio de Janeiro, RJ: Campus.
- Silva, A. T. B. (2000). *Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: sua relação com as atividades educativas de pais* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.
- Skinner, B. F. (2000). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (2002). *Sobre o behaviorismo*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Weber, L. N. D. (2009). *Eduque com carinho*. Curitiba, PR: Juruá.

- Weber, L. N. D., Flor, M., Viezzer, A. P., & Gusso, H. L. (2004). Interação familiar e as habilidades sociais dos adolescentes. In *Anais da Reunião Anual de Psicologia*, Ribeirão Preto, SP, Brasil, 34.
- Weber, L. N. D., Biscaia, P., Pavei, C. A., & Brandenburg, O. J. (2003). Relações entre práticas parentais e incidência de estresse em crianças. *Anais do Encontro Anual da Associação Brasileira de Medicina e Psicoterapia Comportamental* (pp. 290-291), Londrina, PR, Brasil, 12.
- Wolfradt, U., Hempel, S., & Miles, J. N. V. (2003). Perceiving parental styles, depersonalization, anxiety and coping behavior in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 34, 521-532.